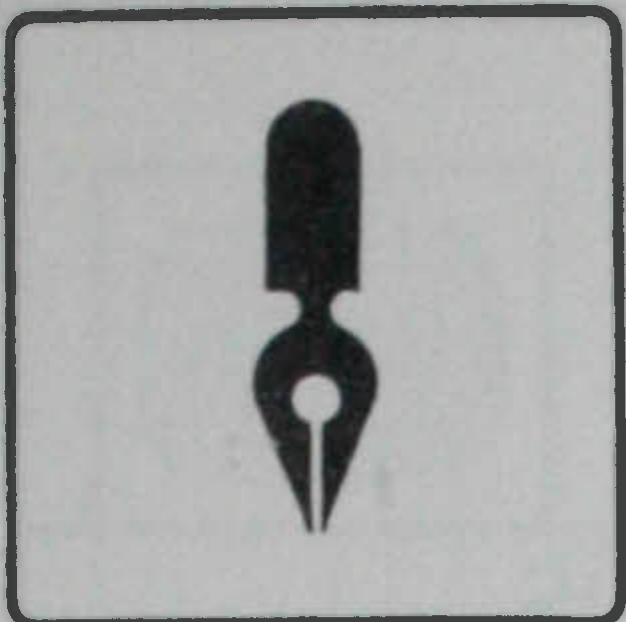




Choque Petrolífero Inverso

Em 1973 manifestou-se no mundo o **primeiro choque petrolífero** com a subida repentina do preço de petróleo bruto, que quadriplicou bem depressa, elevando-se o barril de 2,5 a 10 dólares em menos de um ano. Tudo se desenrolou em consequência da guerra de Kipur e após acordo entre os principais países produtores de petróleo, associados no cartel multinacional OPEP. Foi evocado basicamente o baixo preço pago pelos países industrializados, que originava uma defeituosa valorização dos produtos industriais em comparação com os restantes factores de produção (capital e trabalho).

As actividades técnico-sociais mais ou menos evoluídas assentavam em geral na energia extraída do petróleo. Não admira portanto que tão tremendo choque despertasse as atenções de todos para o perigo da dependência de uma fonte energética condenada à extinção. Imediatamente se gizaram directrizes de substituição e de conservação energética, com vista a minorar os inconvenientes económicos da subida dos custos.

É claro que os países produtores de petróleo encontraram no filão petrolífero um extenso manancial de dinheiro. Alguns desataram a investir essas fortunas em empreendimentos que lhes oferecessem uma plausível garantia de segurança no futuro, quer internamente, quer no estrangeiro. Outros esbanjaram a bom contento os ricos proventos da Natureza, em insolentes arroubos de novo-riquismo, recusando a preciosa oportunidade de assimilar o progresso traduzido na implementação tecnológica moderna

e superior qualidade de vida.

Em 1979 chegou o **segundo choque petrolífero**, em resultado da guerra do Irão, com a duplicação busca dos preços, passando de 13 para 26 dólares por barril num só ano. O mundo já se encontrava noutra dinâmica, assente nas medidas tecnológicas entretanto tomadas, e a ausência de surpresa atenuou a componente emocional. O mercado petrolífero fora da OPEP aumentou sucessivamente, captando os consumidores tradicionais com preços mais vantajosos. E a rigidez das normas fixadas pelo cartel, através da limitação dos níveis de exploração, começou a asfixiar os próprios membros.

Agora, no início de 1986, os países da OPEP já contabilizam uma reduzida fracção dos fornecimentos mundiais de petróleo bruto, ao contrário do que acontecia há dez anos atrás. Dá-se então o inevitável: a descida repentina do preço de petróleo. Em Janeiro aconteceu na realidade uma queda média diária de um dólar por barril. Bem depressa se caiu de 30 para 15 dólares por barril. Pressente-se até que se chegue ao limite de 10 dólares por barril, com vista a tornar ineficazes as explorações no mar do Norte empreendidas pela Grã-Bretanha e Noruega.

Deste **choque petrolífero inverso** beneficiam os países consumidores e entram em sacrifício os produtores. Para um país como Portugal, que depende acima de 80% do petróleo importado para satisfazer as suas necessidades energéticas, é uma benesse inesperada. As circunstâncias favorecem a governação, porque a Nação poupa milhões

de dólares em divisas enquanto o Estado arrecada muitos milhões de escudos em impostos com que não contava. Em contrapartida, os países fornecedores de petróleo que investiram na renovação das suas estruturas socioeconómicas à custa dos petro-dólares encontram-se numa situação delicada, com dificuldades para satisfazer os compromissos programados. Tal ocorre na Venezuela e no México.

De qualquer modo, o **choque petrolífero directo**, caracterizado pelo benefício dos produtores em detrimento dos consumidores menos avisados, há-de intensificar-se outra vez, pois a carência dessa energia natural é um facto irrevogável. Pode demorar mais ou menos tempo, conforme o jogo de forças políticas no plano internacional, mas convém estar precavido para o seu regresso. Nesta reflexão não há razões para deixar de se investir na inovação em tecnologias de energias renováveis e de conservação energética. Um país sem recursos próprios não-renováveis está sempre dependente de uma ou outra conjuntura. Todavia pode-se atenuar os seus efeitos pelos recursos renováveis ou pela racionalização dos consumos de energia.

Não nos parece portanto que o choque petrolífero inverso seja motivo para que se retroceda no caminho do progresso tecnológico: aproveitemos sempre o que temos da maneira mais eficaz e inteligente.